

O BRASIL SERÁ ALGUM DIA DOMINADO PELO COMUNISMO?

A PRIMEIRA E A ÚLTIMA BANDEIRA HASTEADAS EM SOLO BRASILEIRO



QUE TIVERAM SINTONIA COM NOSSAS RAÍZES...
E A LEGÍTIMA IDENTIDADE NACIONAL

Os avisos de Nossa Senhora, nas aparições de 1936 em Pesqueira (PE), coincidem com as investidas do cangaço. Naquele ano Lampião andava aterrorizando os sertões nordestinos.

Assim como em Fátima, Nossa Senhora pede ao povo fiel que faça penitência e reze a fim de se evitar três castigos que iriam cair sobre o Brasil. Um deles seria o comunismo, que dominaria principalmente as capitais. Provavelmente, a Santíssima Virgem estaria se referindo ao comunismo selvagem, imposto violentamente pela força das armas, e não o que se chama de “comunismo difuso”, que é a propagação do marxismo nas leis e em alguns costumes.

Nesta mesma época começam a surgir no Brasil as idéias socialistas que se infiltravam em meios católicos, especialmente em São Paulo, a maior cidade do país. O comunismo só dominaria se houvesse condescendência e apoio dos católicos.

Foi também nessa época que Dr. Plínio Corrêa de Oliveira começou a combater tais idéias infiltradas em meios católicos, especialmente na Ação Católica, de que era presidente, e em artigos no “Legionário”, jornal da arquidiocese de São Paulo.

No Rio, havia um grupo de católicos que se deixara levar pelo “mairitanismo” (Maritain era um expoente da nova idéia de complacência com as esquerdas socialistas). Um de seus expoentes era Alceu de Amoroso Lima, chamado de Tristão de Ataíde. Dr. Plínio combateu tais idéias, expondo-as em seu livro “Em Defesa da Ação Católica”, publicado em 1943.

Do apostolado de Dr. Plínio surgiu um grupo de católicos que passou a condenar as infiltrações socialistas entre católicos. Esse grupo atuou durante toda a década de 50, até que no início da década seguinte desempenhou papel preponderante na reação popular contra a implantação do regime propugnado por Jango, reação esta que incentivou os militares a depor aquele governo e interromper o programa de implantação do comunismo no Brasil. Um fato que marcou a reação contra a esquerda daquele tempo foi o lançamento do livro “Reforma Agrária, Questão de Consciência”, vindo a polarizar grande parte dos católicos numa sadia reação contra as idéias janguistas. Pelo menos em sua forma de “capitalismo de Estado” ou de “sociedade sindicalista”, ou tantas outras que imperaram em vários outros países, o golpe militar evitou que se implantasse no Brasil.

Foi também nessa época que o mesmo Dr. Plínio fundou a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), formada por católicos que atuavam na sociedade civil contra a infiltração comunista no Brasil. Sua atuação foi tão profícua que serviu de incentivo para a criação de entidades semelhantes em vários países do mundo, todas sob orientação de seu fundador brasileiro. Deve-se em grande parte a atuação da TFP o completo fracasso da chamada esquerda católica, especialmente os elementos da famigerada “teologia da libertação”, hoje tão inexpressiva que quase não se fala mais nela. Quer dizer, os principais elementos que serviam de base para sustentação de uma ação comunista na sociedade brasileira foram anulados pela ação da TFP. E o comunismo não vingou, pelo menos em sua forma de poder estatal ou sindical.

O tempo passou e hoje não se faz necessária mais a ação de entidades como a TFP. Se a esquerda católica está morta, se a teologia da libertação moribunda, a sociedade civil está completamente infensa a qualquer pregação socialista ou declaradamente comunista. Os partidos de esquerda nunca tiveram coragem de fazer tal pregação abertamente, dado a grande recusa que encontram na sociedade. Só lhes restava, antigamente quando estavam atuantes, a pregação da esquerda católica.

A solução pra eles, hoje, parece algo obscuro e meio insensato: a violência urbana.

É o que veremos a seguir.

As origens remotas do clima de violência que impera nos dias atuais

Quem quiser estudar as raízes mais profundas do clima de violência institucionalizada que impera no Brasil não precisa ir muito a fundo em suas pesquisas: basta analisar duas fases que antecederam a tal estado de violência – primeira, a do cangaço, findo na década de 30 do século passado; e segunda, a do movimento da guerrilha esquerdista durante o governo militar.

Vejamos, embora brevemente, como se assemelham estas duas fases.

1. A gênese do cangaço¹

Conforme Dom Duarte Leopoldo e Silva, a revolta pernambucana de 1817, foi uma revolução de padres. A lista dos que participaram do movimento abrange, no avultado número, cônegos e governadores do Bispado, vigários e coadjutores, regulares e seculares, dos quais dois se suicidaram, quatro foram supliciados e muitos condenados à pena comum de prisão. Entre os prisioneiros havia 57 religiosos. Todos ou quase todos esses padres eram membros das sociedades secretas, reunidas sob as denominações de “academias” ou “areópagos”, onde se cultivavam as idéias libertárias da Revolução Francesa. Tem-se dito que essas lojas maçônicas eram simplesmente “nacionalistas”, como ao depois pretenderam e pretendem se passar como simples entidades filantrópicas. Como quer que seja, é certo que, à sombra do mistério que as envolvia, se desenvolveram doutrinas absolutamente contrárias à ortodoxia católica que, a seu tempo, se encontraram em campo aberto contra a Igreja. Eram eles a “esquerda católica” daqueles tempos.

Dom Duarte comenta em sua obra que “o espírito de tolerância que, então como hoje, apregoavam os adeptos dos “mistérios democráticos”, bem lhes serviu para iludir incautos e até sacerdotes, ilustres talvez nas ciências profanas, mas ignorantes das ciências eclesiásticas, pouco ou nada cultivadas em

¹ Texto publicado no meu blog “Quodlibeta”

<http://quodlibeta.blogspot.com.br/2010/02/genese-do-cangaco.html>

um país que não possuía seminários regulares bem dirigidos. Os poucos que, em Portugal, iam beber as ciências eclesiásticas, voltavam ainda mais contaminados”. A fumaça de Satanás, no dizer de Paulo VI em relação à crise religiosa do século XX, já penetrava no santuário desde longas datas, como se vê.

Por diversas cidades nordestinas, do interior e das capitais, pregavam essas dezenas de padres a revolta libertária e a implantação de uma república. Da mesma forma como no século XX o clero progressista pregava a Teologia da Libertação, com a diferença que hoje pregam o socialismo utópico enquanto naqueles tempos apregoavam a derrocada da monarquia e a implantação da república.

O centro daquele movimento era uma loja maçônica denominada “Areópago de Itambé”, criada no fim do século XVIII pelo padre Arruda Câmara. Este religioso teve sua formação religiosa inteiramente deturpada pelos ideais libertários da Revolução Francesa, ainda fumegante, e que a trouxe para o seminário de Olinda, fundado por ele em 1800 e tinha na sua direção outro padre revolucionário, Miguel Joaquim de Almeida Castro, estreitamente ligado ao “Areópago de Itambé”. O movimento era contestatório contra Dom João VI e diz-se que agia sob a inspiração de Napoleão Bonaparte. Na mesma época, o desventurado falso imperador estava preso na Ilha de Santa Helena, muito próxima do Brasil, o que inspirou aos idealizadores do “areópago” um plano para libertá-lo e aclamá-lo como nosso imperador.

O movimento fracassou, como se sabe, e os cabeças foram punidos. Mas, quais as seqüelas deixadas na região onde pregaram, e até pegaram em armas, tais sacerdotes? De tudo isto resultou, naquela região, a disseminação de uma grande centelha de ódio, a violência entre famílias, o espírito de vingança e, finalmente, o tão famigerado cangaço!

Um dos membros da agitação foi o sub-diácono José Martiniano de Alencar, pai do famoso romancista do mesmo nome, filho de Bárbara de Alencar, ardorosa revolucionária da cidade do Crato, no Ceará. Posteriormente, o sub-diácono foi ordenado sacerdote, teve vida irregular como religioso, casou-se, foi suspenso de ordens, e participou de outro movimento revolucionário em 1824, a “Confederação do Equador”, também liderado por um padre.

Quando estourou a revolta de 1817, com Bárbara de Alencar e seu filho como os principais mentores dela na região do Cariri,

houve muita violência e mortes. Destas escaramuças se originaram rixas de famílias que perduraram por mais de um século, e algumas perduram até hoje.

Conforme o escritor cearense Nertan Macedo, especialista em Lampião, o cangaço não teve origem no século XX, mas desde os primórdios do século XIX, exatamente logo após a revolta de 1817. Os revoltosos que fugiam das tropas do governo se embrenhavam pelas matas e passavam a levar vida de bandidos, saqueando e matando. Nertan Macedo pesquisou em detalhes a origem do bando de Lampião, que começou na cidade de Flores (PE). Um dos patriarcas da cidade, que era um capitão-mor das ordenanças, chamado Joaquim Nunes de Magalhães, foi assassinado no ano de 1838 por um da família dos Carvalho. As divergências entre estas duas famílias vinham desde o tempo da guerra de 1817, quando elas se dividiram entre conservadoras e liberais, a favor e contra a monarquia.

No entanto, o cangaceiro mais antigo de que se tem notícia é Jesuíno Alves de Melo, ou “Jesuíno Brilhante”, morto no ano de 1879. Não se sabe mais detalhes, diz-se apenas que nasceu em 1844, no Rio Grande do Norte, mas não se fala se já aderiu a algum bando de cangaceiros que existia por lá ou se formou um deles. Isto não impede que a tese de Nertan Macedo não esteja correta, pois é bem provável que todo cangaceiro, a maneira de Lampião, já encontrara um bando formado e a ele aderira, tornando-se o mais esperto a ser o líder do grupo. Assim, passados apenas algumas décadas após as revoluções de 1817 e 1824, seus reflexos podem muito bem ter originado o surgimento desses bandos de criminosos, só tomando forma definitiva de cangaço na época de Jesuíno Brilhante.

O grupo dos Pereira assumiu, logo após aquelas revoluções, a direção de um bando que se refugiava nas matas para evitar o confronto direto com a família rival. Ao longo dos anos, este grupo foi crescendo e ficando famoso por suas ações criminosas, ataques a fazendas, saques e assassinios. Da guerra entre famílias se passou facilmente para o cangaço. Quando Lampião assumiu a direção de seu grupo já contava este com 67 homens, dirigidos sempre por indivíduos mais aguerridos e líderes, que se sucediam ao longo dos anos. Quem foi o antecessor de Lampião? Não se sabe, não se fala quem foi porque não há dados, ninguém ainda fez uma pesquisa sobre o assunto.

Vimos, então, que a atuação do Clero revolucionário nada mais fez do que acender uma centelha de ódio, alimentando rixas

de famílias sob o pretexto da revolução libertaria. É o fruto mais remoto da atuação de tais religiosos que tão tristes recordações deixaram no Brasil: a de terem inspirado a vida aventureira e criminosa de cangaceiros. Diz-se, inclusive, que alguns apetrechos da indumentária dos cangaceiros, como o chapéu virado com a aba para a frente e as cartucheiras cruzadas no peito, foram inspirados nos soldados de Napoleão, o pretenso protetor do “Areópago de Itambé”.

2. A Gênese das quadrilhas modernas – a luta armada da esquerda

O quinto poder

Os informes e dados abaixo sobre o Brasil podem ser aplicados a qualquer país moderno, seja europeu, americano, africano ou asiático, pois tudo isso é decorrente da vida moderna. Dir-se-ia que a violência também foi "globalizada". No Brasil, porém, os bandidos chegaram a se organizar de tal forma que podem se considerar como um poder paralelo que rivaliza com o Estado. Teríamos já instaurado no Brasil o "quinto poder", pois o Estado possui os três poderes convencionais (Executivo, Legislativo e Judiciário), a mídia é considerada o quarto poder, e agora o banditismo tornou-se o quinto.

De tal forma este "quinto poder" tem crescido que já desafia os outros quatro. Foi o que ocorreu com a morte do jornalista Tim Lopes, da TV Globo, ocorrida no dia 2 de maio de 2002, quando os bandidos o julgaram e o assassinaram como se fossem juízes de um processo qualquer. É diferente do assassinato do cinegrafista da TV Bandeirantes, ocorrido recentemente no meio de um confronto entre policiais e os outros bandidos "black bloc". Depois do desafio da mídia, resolveram os bandidos desafiar o próprio Governo, ora enfrentando a polícia, ora atacando prédios públicos ou mesmo fóruns e delegacias, com o objetivo explícito de intimidar, como ocorre hoje em qualquer grande cidade.

A partir de março de 2003 o denominado "crime organizado" começou a mandar matar juízes, numa acintosa afronta ao estado de direito do País. E culminou com o último assassinato da juíza em Niterói, desta feita um crime cometido por policiais corruptos, mas, embora policiais, aliados dos bandidos.

Depois, tornou-se comum darem ordens para que todo o comércio de certos bairros onde dominam feche as portas. Passou-se a ver os bandidos andando pacificamente pelas ruas fortemente armados, contando com a ausência da polícia. Numa transmissão de TV em que narrava tais fatos, o repórter (da Record) chama os bandidos de soldados, dizendo "vejam os soldados fortemente armados andando pelas ruas..." É o quinto poder...

Em depoimento prestado à Justiça um dos chefes do crime organizado, José Márcio Felício, "O Geleirão", afirma que o PCC

(Primeiro Comando da Capital, facção criminosa similar ao "Comando Vermelho") possuía grande estrutura organizacional. Segundo delação feita pelo bandido, seus ex-comparsas tinham cerca de 2.000 “funcionários”, verdadeiro exército em ação. A maioria dessas pessoas trabalhava para a organização fornecendo importantes informações. Desse grupo, cerca de 100 pessoas fazem operações e formam o braço armado do bando. Numa das invasões da “Rocinha”, no Rio, a polícia informa contingente numeroso de colaboradores dos bandidos, a maioria entre os próprios moradores do morro.

Tais grupos organizados já atuam em quase todas as outras capitais, se não em todas. A situação era essa nos Morros do Alemão, Vila Cruzeiro e da Rocinha antes de serem invadidos pela polícia. A palavra “invadido” dá bem a idéia da situação: trata-se de ocupar um terreno possuído pelo inimigo em guerra. E na “ocupação” foi utilizado até tanques de guerra.

Por que o governo de Lula esperou até o final de seu mandato (novembro de 2010) para autorizar a invasão dos morros? Autoridades policiais do Rio afirmaram que não o fizeram antes porque o governo federal não o tinha autorizado, haja vista que as forças invasoras eram também compostas de tropas federais.

Qual o papel da figura do malandro na psicologia popular?

Uma figura que a mídia sempre propagou foi a do malandro. Desde o início do século XX que ela é apresentada como certo “modelo” ao nosso povo. Primeiramente, veio o malandro do samba, do morro, pintado como um cara esperto e ladino, conseguindo levar vida mansa, inclusive enganando aos incautos. Esse modelo de esperteza ganhou a simpatia popular e passou a pautar a vida pública, inclusive de políticos.

Quando se pretendia criar uma música nova sobre o Rio, ou que se referia ao samba ou ao carnaval carioca, a figura do malandro era sempre realçada. Foi assim que o famoso Noel Rosa destacou-se em suas melodias, embora seu título mais conhecido seja o de “Poeta da Vila”. Mas outros compositores sobressaíram-se mais como exemplo de malandros realizados e completos, como Dicrós e Bezerra da Silva, sambistas famosos que criaram até uma música com o título de “ópera do malandro”, que é também o nome de uma peça de Chico Buarque.

A fim de que a figura do malandro fosse mais propagada, a Walt Disney criou um personagem famoso, o Zé Carioca: um papagaio, como não poderia deixar de ser, muito esperto e que sempre sabe se sair bem das enrascadas e dá golpes até em seus amigos. Até a década de 60, havia um outro personagem que também personificava o malandro: foi o famoso “Amigo da Onça”, criação de Péricles Moreira da Rocha na revista “O Cruzeiro”, cuja esperteza era sempre elogiada pelos leitores da revista como exemplo de inteligência e sagacidade. Outros malandros ficaram célebres no passado, alguns criados no cinema, como Oscarito que o personificava muito bem.

Será que a figura do malandro, sendo assim tão propalada como um exemplo para a sociedade, não tornou-se um mal, por inspirar em todos a idéia de que é lícito ser esperto e enganar os semelhantes? Quer dizer, será que essa figura não gerou (ou, pelo menos, influenciou) o político corrupto e o traficante labioso? Não que os tenha produzido na raiz, mas sim que tenha criado clima psicológico na sociedade para que atuem impunemente.

É claro que há um tipo de esperteza legítima, como aquela, por exemplo, da história do Gato de Botas, onde o gato faz seu amo passar por um marquês a fim de se sair bem das complicações em que se metiam. Mas a do malandro carioca sempre tendia para a desonestidade, a sagacidade para enganar o próximo, o esperto que vivia num mundo cercado de pessoas incautas e bobas. Pois bem, essa esperteza do malandro fez escola, muito bem assimilada pelos políticos e traficantes, que a usam naturalmente no seu dia a dia. Esse tipo de esperteza, porém, não é coisa nova. Há exemplos similares no passado.

Temos exemplo dentre os próprios bandidos. Um deles nos é contado pelo historiador francês Henri Robert, ao retratar a vida de um bandido que dominava a Paris do Ancien Regime. O tipo de esperteza dele é muito conhecido: fazia-se passar por um homem bom e amigo dos humildes, auxiliando os mais necessitados dos bairros pobres de Paris. Com isso conseguia proteger-se contra as investidas da polícia, pois era ocultado dela pelos próprios moradores seus vizinhos, que o tinham como um homem bom. Este tipo de esperteza tornou-se hoje o mais usado pelos traficantes, ao lado, sempre, da malandragem, do engodo, etc. Há também a lenda de Robin Hood que tornou mais popularizado esse método de acobertamento de bandidos entre os cidadãos de bem. Quer dizer, não é nenhuma novidade.

Apesar de se anunciar tanto poder dos bandidos, as “invasões” que a polícia efetuou em algumas favelas cariocas ocorreram de forma pacífica, não foi desferido nenhum tiro e alguns bandidos se entregaram sem reação. Pelo que se vê a ação militar vai aos poucos causando maior intimidação aos bandidos, o que tornará mais fácil o controle e extinção ou diminuição do tráfico de drogas e da bandidagem.

O problema não é que os bandidos formam o “crime organizado”, mas é o governo que se mostrava desorganizado.

O "homem" dos quatro dedos

Relembrando como anda a violência urbana nos dias atuais, especialmente a constante luta entre bandidos e as forças militares que tentam expulsá-los de alguns morros do Rio, transcrevemos aqui um pronunciamento profético a respeito da violência urbana no Brasil.

Quase ao findar o ano de 1983, Dr. Plínio Corrêa de Oliveira publicou na "Folha de São Paulo" um artigo intitulado **"Quatro Dedos Sujos e Feios"**, onde analisava a forma misteriosa como ele via a esquerda se transformar na violência urbana que crescia assustadoramente. Passados tantos anos, vê-se hoje como aquelas previsões se cumprem, como se diz, "ao pé da letra". Após lê-lo, convém analisar como anda a violência urbana no Brasil. A fim de ressaltar onde se encontra o cerne de tais acertos, coloquei em negrito os trechos principais:

Quatro Dedos Sujos e Feios

Por: Plínio Corrêa de Oliveira

“A perplexidade se dá bem com macias cadeiras de couro, nas quais o homem sente afundar-se gostosamente. É que há certa analogia entre estar atolado em questões perplexitantes, e em poltronas de molas macias. O homem perplexo, afundado em couros, fica atolado tanto de corpo como de alma, o que confere à situação dele essa unidade que nossa natureza pede insistentemente, a todo propósito.

É verdade que tal unidade não vai aí sem alguma contradição. As perplexidades constituem para a mente um atoleiro penoso. Um purgatório. Por vezes quase um inferno. Pelo contrário, os couros e as molas proporcionam ao corpo cansado um atoleiro delicioso, reparador. Mas essa contradição não fere a unidade. E diminui o tormento do homem, em vez de o crescer. Para prová-lo ao leitor, bastaria a este imaginar quão pior seria a situação de um homem perplexo, sentado num duro banco de madeira...

Ocorreu-me isto tudo ao recordar que, numa noite destas, chegado ao termo o jantar, resolvi refletir sobre a situação nacional, atoleiro no sentido mais preciso e sinistro do termo. E para isto me afundei instintivamente em uma profunda e macia poltrona de couro. Comecei então a pensar...

A ronda macabra dos vários problemas pátrios, ideológicos, sociais e econômicos, começou a dançar em meu espírito. A fim de ver claro, eu procurava deter a feia ciranda, de modo a analisar, uma por uma, as várias questões que a formavam. Mas estas pareciam fugir a toda avaliação exata, executando cada qual, diante de meus olhos por fim fatigados, um movimento convulsivo à maneira do "delirium tremens". Pertinaz, eu insistia. Mas elas, não menos pertinazes do que eu, aumentavam seu tremor, e de repente retomavam em galope sua ciranda.

Febre? Pesadelo? O certo é que me senti subitamente em presença de um personagem muito real, de carne e osso... E eu, que tinha intenção de comunicar aos leitores o resultado de minhas lucubrações, fiquei reduzido a contar-lhes o que este personagem me disse.

O tal homem a-temporal me tratava de você, com uma certa superioridade que tinha seu tantinho de irônico e de condescendente. E, pondo em riste o indicador curto e pouco limpo da mão direita, como para me anunciar uma primeira lição, sentenciou: "Saiba que eu, o comunismo, fracassei neste sossegado Brasil. O PC é aqui um anão que dá vergonha. Por isso, evito de o apresentar sozinho em público. O sindicalismo não me adiantou de nada. Possuo muitos de seus chefes, mas escorre-me das mãos o domínio sobre suas bases bonacheironas ("pacifistas", diria você). Entrei pelas Cúrias, pelas casas paroquiais, seminários e conventos. Que belas conquistas eu fiz. Mas ainda aí prosperei nas cúpulas, porém a maior parte da miuçalha carola me vai escapando. Noto, Plínio, sua cara alegre ante minha envergonhada

confidência. Você me reputa derrotado. Bobão! Mostrar-lhe-ei que tenho outros modos de progredir.

— Você duvida?

— Sim, eu duvidava.

Então ele levantou teatralmente, ao lado do dedo indicador, o dedo médio, um pouco mais longo e não menos rejeitável. E entrou a dar sua segunda lição.

"Começarei por um sofisma. Farei o que você não imagina: a apologia do crime. Sim, direi por mil lábios, através de mil penas, milhões de vídeos e de microfones, que a onda de criminalidade, a qual tanto assusta os repugnantes burgueses, raramente nasce da maldade dos homens. Nas tribos indígenas, os crimes são mais raros do que entre os civilizados. O que quer dizer que o crime nasce entre nós das convulsões sociais originadas da fome. Elimine-se a fome, desaparece o crime. Como, aliás, também a prostituição.

"Quem você chama de criminoso é uma vítima. Sabe quem é o criminoso verdadeiro? É o proprietário. Sobretudo o grande proprietário. Principalmente este é que rouba o pobre. Enquanto um ladrão de penitenciária rouba um homem, o proprietário rouba um povo inteiro. Seu crime social é de uma maldade sem nome!"

O delírio leva a muita coisa. Pensei em expulsar o jactancioso idiota. Mas o comodismo me manteve atolado em minha poltrona. Furibundo e inerte, deixei-o continuar.

Ele levantou o dedo anular, feio irmão dos dois que já estavam erguidos. E prosseguiu.

*"Há mais uma "seu" Plínio. À vista de tudo quanto eu disse, **um governo consciente de suas obrigações tem por dever dismantelar a repressão e deixar avançar a criminalidade. Pois esta não é senão a revolução social em marcha. Todo assassino, todo ladrão, todo estuprador não é senão um arauto do furor popular. E por isto farei constar ao mundo inteiro que a explosão criminal no Brasil está sendo caluniada por reacionários ignóbeis. A criminalidade é a expressão deste furor justamente vindicativo das massas, que os sindicatos e a esquerda católica não souberam galvanizar.**"*

Suspendendo o minguinho, miniatura fiel dos três dedos já em riste, meu homem riu. "Farei entrar armas no Brasil. Quando os burgueses apavorados estiverem bem persuadidos de que não há saída para mais nada, suscitarei dentre os que você chama "criminosos", um ou alguns líderes, que saberei camuflar de carismáticos. E farei algum bispo anunciar que, para evitar mal maior, é preciso que os burgueses se resignem a tratar com aqueles que têm um grau de banditismo menor. "Vejo a sua careta. Você está achando a burguesia preparada para cometer mais esse erro. Tem razão. Assim se constituirá um governo à Kerensky, bem de esquerda. O dia seguinte será do Lênin que eu escolher."

Levantei-me para agarrar o homem. Quando fiquei de pé, acabei automaticamente de acordar. Ou cessou a febre... Escrevi logo quanto "vira" e "ouvira", pois só até poucos minutos depois da febre ou do sono, tais impressões se podem conservar com alguma vitalidade.

Leitor, desejo que elas não lhe dêem febre. Se é que, antes de terminar a leitura, elas não lhe darão sono.

Este não será, em todo caso, um tranquilo sono de primavera. Mas estará em consonância com essa metereologia caótica dos dias aguados e feios com que vai começando novembro.

P.S. — A Polícia paulista parece hoje em reviravolta. Que diria a isto o hominho dos quatro dedos sujos? Em São Paulo, e pelo Brasil afora, que rumo tomará o buscapé da subversão? Parar, não parará..." ("Folha de S. Paulo", 16 de novembro de 1983)

Observação: não teria sentido qualquer ligação entre o personagem do Dr. Plínio, o "homenzinho de quatro dedos sujos e feios", e o político Lula, o qual, apesar de também possuir quatro dedos numa mão (por sinal, o "minguinho" é o único que falta nele, e é um dos citados no artigo), na época do presente artigo (em 1983) nem sequer cogitava de se candidatar a presidente.

Os filhos não abortados da montanha vermelha²

É difícil calcular hoje como está a situação do Rio de Janeiro ou em qualquer outra grande capital brasileira: quantos carros incendiados, quantas pessoas presas ou mortas, por causa de uma guerra sem objetivos e inimigos claros e definidos. Mesmo no apogeu da perseguição dos militares aos comunistas nos anos de ditadura nunca houve “guerrilha” semelhante.

Fala-se muito no Brasil sobre o legado que a revolução militar de 1964 nos deixou. E a mídia só ressalta o lado negativo das prisões ilegais, torturas e mortes ocorridas com os elementos da esquerda. Não se fala do bom legado, qual seja, os enormes benefícios trazidos pela moralização da chamada “coisa pública” e um grande desenvolvimento econômico que marcou época.

De outro lado, não falam do legado negativo deixado pelas esquerdas. Um deles foi o recrudescimento da violência urbana no Brasil. É no decorrer da década de 60 que começam a surgir os assaltos a bancos através do famoso “Comando Vermelho”, uma facção criminosa criada pelas esquerdas que lutava contra os militares naquela época. Foi criada e alimentada pela esquerda, sendo hoje o modelo de inúmeras outras facções como o PCC ou a FDN. Atualmente, dizem que o “Comando Vermelho” não faz mais um trabalho característico das esquerdas, sendo apenas mais uma falange de bandidos que assaltam e se organizam para incrementar o tráfico de drogas. Não acredito nesta versão, há elementos estrangeiros ligados ao socialismo internacional que despejam rios de dinheiro nas facções criminosas brasileiras, ou com fins de alimentar o tráfico de drogas ou então simplesmente para angariar recursos. Tanto Fidel Castro quanto os seguidores de Hugo Chávez membros do “Foro de São Paulo”, mantêm ligações com todas estas organizações criminosas, e os elementos da esquerda dita moderada não desconhecem esta realidade.

Apesar das esquerdas alimentarem as quadrilhas de traficantes e de guerrilheiros na Colômbia, tanto com recursos financeiros quanto com apoio moral, até hoje o governo brasileiro nunca fez uma condenação oficial daquela guerrilha, dizendo descaradamente que não se trata de terroristas, mas de opositores ao governo em luta armada. Sofismas é o que mais saber fazer o Lula e seus amigos. E

2 Texto publicado no blog Quodlibeta: <http://quodlibeta.blogspot.com.br/2010/11/os-filhos-nao-abortados-da-montanha.html>

por que não agiria também a esquerda para acobertar e promover o banditismo do “Comando Vermelho” e congêneres do Rio? Mas, afinal, que queriam (ou querem) as esquerdas para o Brasil? Queriam paz? Queriam um país próspero e progressista, livre da miséria e da pobreza como apregoam os próceres do PT? Ora, continua nos programas dos partidos de esquerda (sem nenhuma exceção) a busca pelo que eles chamam de “socialismo”. Mesmo depois da falência da URSS, quando se revelou para o mundo as falácias e mentiras sobre o socialismo, na verdade uma fonte de miséria e de pobreza, os elementos das esquerdas brasileiras (e com eles alguns outros da América Latina) continuam a apregoar este utópico socialismo. Todos vêem claramente que o “socialismo bolivariano” de Hugo Chávez está levando a Venezuela cada vez mais para a miséria e a desgraça. Mesmo assim, o programa deles continua o mesmo: socialismo, “socialismo ou morte”. Se a morte não vier por guerras civis virá por inanição, tal o estado de miséria em que o mesmo deixará nosso povo...

Há uma outra coisa: foram as esquerdas que inauguraram no Brasil a esperteza política, o chamado populismo oportunista em busca de votos, a demagogia para se promover aos cargos públicos. A esquerda, hoje, não visa mais as guerrilhas urbanas porque já disputa livremente o poder através de seus principais partidos, onde PT desponta como líder. Não seria esta sua tática se estivessem na oposição a um regime declaradamente anti-esquerdista (ou anti-socialista, dá no mesmo). Mas seus filhos não abortados continuam vivos: os traficantes e as quadrilhas de assaltos a mão armada que se espalharam pelo Brasil, verdadeiros herdeiros das guerrilhas esquerdistas do período da ditadura militar.

De outro lado, os principais dirigentes esquerdistas são péssimos exemplos para nossa população. Os dirigentes de um povo influenciam toda a sua população pela vida que levam. Se forem honestos, vão ser exemplos de honestidade. Se tiverem boa moral, serão exemplos de moralidade e de respeito. O nosso ex-presidente está sendo apontado por seus amigos como um exemplo de operário que progrediu e chegou ao poder máximo, mas na realidade não é assim que o povo o vê. Vêem-no como um homem que soube usar da esperteza para galgar seus postos, verdadeiro malandro, ou como um sujeito labioso que engana facilmente seus ouvintes com palavras falaciosas e, sobretudo, como um homem que não quis estudar, não se esforçou para angariar maior desenvolvimento cultural e, mesmo assim, “passa a perna” em todo mundo. Todos

sabem que ele hoje é um milionário e vive confabulando com mega-empresários altos negócios.

Ele não seria o modelo da revolta máxima, que seria a reação armada. Este papel coube à sua sucessora, um péssimo mau exemplo de quem pegou em armas contra as autoridades a fim de querer fazer prevalecer suas idéias mirabolantes do socialismo utópico. E mau exemplo também por defender o aborto e apoiar o seu partido que quer descriminalizá-lo entre nós. Fora do poder, estes elementos ainda são tidos como “modelos” por larga parcela da população.

Este modelo talvez seja o que vai vigorar no Brasil de hoje, já inaugurado com os constantes ataques dos bandidos no Rio e nas outras grandes capitais. Ora, não somente estes bandidos sabem que a ex-presidente de nosso país já executou ação armada, mas toda a população que poderá ver a luta armada como uma coisa natural e consequência pura e simples da busca de seus ideais. A população não somente sabe que ela já pegou em armas, mas também que todos os seus correligionários que o fizeram não só foram perdoados mas até indenizados com gordas verbas do governo petista. E podem muito bem pensar: se a gente aderir aos bandidos, quem sabe amanhã alguma ONG de direitos humanos vai conseguir que a gente receba indenizações com a morte ocorrida nas mãos dos militares que nos combatem. Enfim, o crime foi banalizado também pela esquerda, e a bandidagem no Brasil moderno pode-se dizer que é um dos filhos não abortados desta montanha vermelha, que apesar de quase morta ainda fumeja.

Há um fato mais clamoroso. Sempre que um governante de esquerda assume um governo a violência aumenta. Foi assim com Brizola no Rio, ocasião em que os bicheiros e os traficantes mais aumentaram de poder. Foi assim com o governador da Bahia (PT), que teve a criminalidade aumentada consideravelmente em seu governo. Foi assim também em Pernambuco, um dos Estados mais violento do Brasil exatamente porque lá sempre mandou o PT. Quais as razões disso?

Primeira razão: os bandidos sentem que a autoridade não tem pulso para combater a marginalidade quando a repressão é feita com “excessos de cuidados” aos direitos humanos. E aí eles se aproveitam para aumentar sua ação, que muitas vezes ficam impunes por causa desta política acentuadamente humanitária para com bandidos de alta periculosidade. É óbvio que não se descarte também a presença ativa de membros do PT em algumas quadrilhas, ou por si mesmos, ou por meio de alguns “laranjas” que se lhe ocultem o nome.

Segunda razão: a corrupção política domina a administração pública e vai servir de mau exemplo até mesmo para os cidadãos de bem. Um exemplo bem frisante disso tivemos recentemente no Ceará, tanto com a prefeita de Fortaleza (na época, do PT) quanto com o governador (de partido da base governista federal), envolvidos em escândalos de toda espécie. Nem se fale nos escândalos da área federal, com os “mensalões” e “petrolões” impunes e outras irregularidades acobertadas pela “tropa de choque” de Lula. Talvez os escândalos impunes ocorridos no governo Lula tenham influenciado mais a marginalidade do que as gordas verbas mandadas pelas diversas máfias que alimentam as quadrilhas do Rio.

Existiria uma terceira razão, esta localizada em algumas cidades em que a autoridade local fez alianças com bandidos. Aí não entra em destaque apenas a ação da esquerda, mas todo um conjunto de problemas morais de que padece a sociedade moderna. Se alguém pensa que Dilma Rousseff não serviu de mau exemplo quando declarou francamente a sua participação na luta armada, e sem demonstrar nenhum arrependimento, até pelo contrário contando vantagens, olhe para o que houve no Rio de Janeiro de hoje, parecendo que os bandidos estavam saudando-a antes de sua tomada de posse em seu segundo mandato.

O papel da mídia na propagação da violência urbana³

Entrevista do jornal “O Globo”, com o marginal “Marcola” tem até data 23.5.2006 – Local: Segundo caderno – Autor: Arnaldo Jabor – Tamanho: 1000 palavras. Título da reportagem: “Estamos todos no inferno”. No entanto, o site “[Observatório da Imprensa](#)”, desmente que a entrevista tenha existido, seria tudo “virtual” como nos dias modernos. Virtual ou não a suposta entrevista correu pela rede e causou certo alvoroço.

Vamos fazer alguns comentários sobre seu conteúdo, pois ele realmente impressiona certo público:

- Primeira pergunta: você é do PCC?

3 Texto também divulgado no blog Quodlibeta: <http://quodlibeta.blogspot.com.br/2009/06/o-papel-da-midia-na-propagacao-da.html>

- Eu sou mais do que isso. Sou o sinal dos “novos tempos”. Eu era pobre e “invisível”. Vocês nunca me olharam durante décadas. Olha, antigamente era “mole” resolver o problema da miséria, o diagnóstico era óbvio: migração rural, desnível de renda, favelas, ralas periferias, etc., etc... E a solução nunca vinha. E o que fizeram? Absolutamente nada! Agora te pergunto: o governo federal alguma vez alocou verba para nós? Não, só aparecíamos nos desabamentos dos morros ou nas músicas românticas, sobre a “beleza dos morros ao amanhecer”, essas coisas... Agora estamos ricos com a multinacional do pó. E vocês estão morrendo de medo. ...”Nós somos o início tardio de vossa consciência social”. Viu? Sou culto... Leio Dante na prisão...

Comentário:

Não se tratando de um jornalista novato (Já que se diz que o autor da entrevista foi Arnaldo Jabor), como é que se inicia uma entrevista com uma pergunta boba como esta? Ah, agora entendo, o sujeito é experiente, mas ele queria que o bandido dissesse que o PCC não é nada, o importante é ser um “sinal dos tempos”. Começo a pensar que esta entrevista foi toda “arrumada” pelo pessoal da mídia, toda preparada com perguntas e respostas antecipadamente arranjadas para um fim específico.

- Segunda pergunta: mas, a solução seria...

- Solução? Não há mais solução, cara... A própria idéia de solução já é um grande erro. Já olhou o tamanho das 560 favelas do Rio de Janeiro? Já andou de helicóptero por cima da periferia de São Paulo? Solução como? Só viria com muitos bilhões de dólares gastos organizadamente, com um governo e alto nível, uma imensa vontade política, crescimento econômico, uma verdadeira revolução na educação, urbanização geral, etc., etc. E tudo isso teria que ser sob a batuta quase de uma “tirania esclarecida”, que pulasse por cima da paralisia burocrática secular, que passasse por cima do legislativo cúmplice (ou você acha que os 287 sanguessugas vão agir? Se bobear, vão até roubar o PCC). E do judiciário que impede punições. Teria que haver uma reforma radical do processo penal do País... Teria de haver comunicação e inteligência entre policiais municipais, estaduais e federais... (veja bem, nós até fazemos “conference calls” entre presídios...). E tudo isso custaria bilhões de dólares e implicaria numa mudança psicossocial profunda na

estrutura política do país. Ou seja: É impossível... Não há solução!

Comentário:

Outra pergunta de quem é, ou faz o papel de idiota: como é que um bandido vai dizer qual será a solução para ele mesmo? Ah, tudo se explica: é que o suposto entrevistador quer dar a tônica da resposta, ele quer que se diga que a violência não tem solução. Por isso pede que o bandido a diga qual seria... No mais, os números apresentados pelo bandido serve apenas para dizer que ele está por dentro de tudo (só “errou” na quantidade de deputados, talvez para indicar que não tem importância isto ou por outro motivo qualquer).

- Terceira pergunta: você não tem medo de morrer?

- Vocês é que têm medo de morrer, eu não. Aliás, aqui na cadeia vocês não podem entrar e me matar... Mas eu posso mandar matar vocês lá fora... Nós somos homens-bombas. Na favela tem cem mil homens-bombas... Estamos no centro do insolúvel, mesmo! Vocês no bem e eu no mal e, no meio, a “fronteira da morte”, a única fronteira.

Sabe, já somos uma outra espécie, já somos outros bichos, diferentes de vocês.

A morte para vocês é um drama cristão numa cama, no ataque do coração... A morte para nós é o presunto diário, desovado numa vala... Vocês intelectuais não falavam em luta de classes, em “seja marginal, seja herói!” Pois é: chegamos, somos nós! Há, há...

Vocês nunca esperavam esses guerreiros do pó, né? Eu sou inteligente. Eu leio, li 3.000 livros e leio Dante... Mas meus soldados todos são estranhas anomalias do desenvolvimento torto desse país.

Não há mais proletários, ou infelizes ou explorados. Há uma terceira coisa crescendo aí fora, cultivado na lama, se educando no absoluto analfabetismo, se diplomando nas cadeias, como um “monstro alien” escondido nas brechas da cidade. Já surgiu uma nova linguagem. Vocês não ouvem as gravações feitas “com autorização da justiça”? Pois é. É outra linguagem.

Estamos diante de uma espécie de “pós-miséria”. Isso. A “pós-miséria” gera uma nova cultura assassina, ajudada pela tecnologia, satélites, celulares, internet, armas modernas. É a merda com chips, com megabytes. Meus soldados são uma “mutação da espécie social”, são “fungos de um grande erro sujo”.

Comentário:

Terceira pergunta imbecil e ridícula. Que importância tem em se saber se um bandido tem medo da morte? Agora, o bandido dizer que é inteligente, ler 3 mil livros, etc, é puro blefe para mostrar ao público um lado simpático de sua personalidade. Se fosse algo sem muita importância o suposto jornalista teria cortado isto da entrevista, mas ele o publica com óbvio interesse em promover o marginal. Ler livro de Dante não é grande coisa na literatura moderna, é coisa até ultrapassada, mas isto vai servir para caracterizar o inferno, uma das partes da principal obra de Dante (A Divina Comédia). Não parece coisa arranjada?

- Quarta pergunta: o que mudou nas periferias?

- Grana. A gente hoje tem. Você acha que quem tem U\$ 400 milhões de dólares como o Beira-Mar não manda? Com 40 milhões a prisão é um hotel, um escritório... Qual a polícia que vai queimar essa mina de ouro, tá ligado? Nós somos uma empresa moderna, rica. Se funcionário vacila, é despedido e jogado no microondas... há... há... Vocês são um estado quebrado, dominado por incompetentes. Nós temos métodos ágeis de gestão. Vocês são lentos e burocráticos.

Nós lutamos em terreno próprio. Vocês, em terra estranha. Nós não tememos a morte. Vocês morrem de medo. Nós somos bem armados. Vocês vão de “três-oitão”. Nós estamos sempre no ataque. Vocês na defesa. Vocês têm mania de humanismo. Nós somos cruéis, sem piedade. Vocês nos transformaram em superstars do crime. Nós fazemos vocês de palhaços! Nós somos ajudados pela população das favelas, por medo ou por amor. Vocês são odiados. Vocês são regionais provincianos. Nossas armas e produtos vêm de fora, somos globais. Nós não esquecemos de vocês, são nossos clientes. Vocês nos esquecem assim que passa o surto da violência.

Comentário:

Finalmente, uma pergunta um pouco inteligente, embora distorcida de certa realidade, pois ela quer dar a entender que banditismo tem tudo a ver com a periferia das grandes cidades. Pode ser que tenha algo a ver, mas apenas no que diz respeito aos locais onde os bandidos procuram se esconder e não com as populações destas periferias, pessoas ordeiras e que não compactuam com os bandidos.

Na resposta, é claro, o bandido mente e se mostra cínico. Dizer que Beira-Mar possui 400 milhões de dólares é um grande blefe, uma deslavada mentira, aliás sem condição de comprovação. Um bandido como Beira-Mar ou Marcola não existe sozinho, há uma organização internacional com eles – assim, pode ser que a organização deles possua algo em torno disso, mas que o bandido individualmente o possui é flagrante mentira ou invenção do “pseudo Marcola”.

- Quinta pergunta: mas, o que devemos fazer?

- Vou dar um toque, mesmo contra mim. Peguem os “barões do pó”. Tem deputado, senador, tem generais, tem até ex-presidentes do Paraguai nas paradas de cocaína e armas. Mas quem vai fazer isso? O exército? Com que grana? Eles não têm dinheiro nem para o rancho dos recrutas...O país está quebrado! Sustentando um Estado morto a juros de 20% ao ano, e o Lula ainda aumenta os gastos públicos, empregando 40 mil picaretas. Você acha que o exército vai lutar contra o PCC e CV? Estou lendo o “Klausewitz”, “sobre a guerra”. Não há perspectiva de êxito... Nós somos formigas devoradoras, escondidas nas brechas... A gente já tem até foguetes antitanques. Se bobear, vão rolar uns “stingers” por aí... Para acabar com a gente só jogando bomba atômica nas favelas... Aliás, a gente acaba arranjando “umazinhas” daquelas bombas sujas mesmo... Já pensou? “Ipanema radioativa?”

Comentário:

O “entrevistador” volta agora a ter novo ataque de idiotismo, “perguntando” a um bandido o que fazer para acabar com ele e sua organização. Dizendo que não há solução o bandido está fazendo seu jogo, mas o “repórter” contribui para este jogo ao fazer tal pergunta, com visível intuito de que fosse dado aquela

resposta (isto é, de que não há solução, nada há que fazer!). Na resposta, o marginal mais uma vez se jacta de seu suposto dom literário dizendo que está lendo “Klausewitz”. Desta vez ele cita um autor menos lido para dar a entender que está entrosado na literatura, e está por dentro da “arte da estratégia” ou da guerra moderna. Como se vê, tudo arranjado...

- Sexta pergunta: mas... Não haveria outra solução?

- Vocês só podem chegar a algum sucesso se desistirem de defender a normalidade. Não há mais normalidade alguma. Vocês precisam fazer uma autocritica da própria incompetência. Mas vou ser franco... Na boa... Na moral... Estamos todos no centro do insolúvel, só que com uma diferença muito grande, nós vivemos dele, e vocês... Não têm saída! Só a merda! E nós já trabalhamos dentro dela. Olha aqui, mano, não há solução. Sabem porque? Porque vocês não entendem a extensão do problema. Como escreveu o divino Dante: “Lasciate ognu speranza voi Che entrate!” Percam todas as esperanças! Estamos todos no inferno!

Comentário:

Para encerrar a “entrevista” se repete a ridícula e imbecil pergunta que se vinha fazendo desde o início. Ele pretende finalizar seu “papo” com o marginal dando a entender a todo mundo que o banditismo não tem solução, e por isso repete a pergunta. Ó vós que aqui entraís, deixai toda esperança! É a resposta, baseada na obra de Dante, para aqueles que entram no inferno. Já que ele desejava informar o público sobre o perigo e a ação do PCC porque não fez ou inventou tantas outras perguntas de interesse maior da população?

Perguntas que o provável jornalista poderia ou deveria ter feito (ou fez e omitiu para dar realce a outras finalidades):

- 1. Que ligação tem o PCC com grupos internacionais como a máfia italiana ou os traficantes da Colômbia, Bolívia e Venezuela?

- 2. É verdade que alguns advogados que os defendem também fazem parte da organização?

- 3. Como é que você, num presídio de segurança máxima, consegue mandar suas mensagens a seus comandados?

- 4. Quando um elemento é aceito na cúpula do PCC faz algum juramento sectário? Isto é, na cúpula vocês constituem também uma ou várias seitas secretas que visam poder e dinheiro?

Observação: geralmente, estas entrevistas constam de várias horas de gravação e, lá na redação, o pessoal tira dali o que interessa ao jornal, isto é, o que eles desejam espalhar na população. Pode ter ocorrido que tenha havido realmente tal entrevista, e resolveram dar destaque apenas a tais perguntas e respostas, negando depois sua autenticidade para não comprometer alguém no presídio, mas com intuito de propagar aquelas idéias. No caso, a falta de esperança, a idéia de que está tudo perdido, vivemos num inferno...

Temos outro exemplo, desta vez, real. A REVISTA “ÉPOCA”, de 27.5.2009, divulga reportagem sobre o bandido, mostrando apenas banalidades da prisão, discussão com carcereiro, com vizinho de cela, etc., nada que revele ao leitor algum aspecto interessante sobre a organização do marginal. Falando sobre banalidades, a mídia peca por banalizar a violência enquanto retida no presídio. O único destaque dado é sobre a intimidação que Marcola exercia sobre os carcereiros.

***O crime é organizado ou o governo é desorganizado?*⁴**

Quando um câncer está tomando conta de um organismo, ocorre às vezes que os médicos tentam erradicá-lo extirpando um órgão, e aí a doença mais ferozmente se espalha por todo o corpo humano, piorando a saúde daquele paciente a ponto de levá-lo à morte. Talvez seja o que está ocorrendo com o crime organizado no Rio: com a tentativa de neutralizar os bandidos na recente investida da polícia, as quadrilhas provavelmente vão se organizar em outras grandes cidades e assim disseminar seus tentáculos pelo resto do país. Coisa que já vêm fazendo a muito tempo sem uma repressão à altura de seu crescimento. E como vamos continuar com o mesmo governo no poder, a coisa tenderá a piorar daqui por diante.

4 Texto integral no meu citado blog: <http://quodlibeta.blogspot.com.br/2010/11/o-crime-e-organizado-ou-o-governo-e.html>

A mídia está trombeteando que o poder paralelo do crime organizado sofreu estrondosa derrota com as invasões dos complexos de morros da Vila Cruzeiro e do Alemão. Muitas perguntas pairam no ar, entretanto, e uma delas até hoje não obteve uma resposta convincente: qual a razão desta operação haver demorado tanto tempo? Por que as forças da ordem deixaram os bandidos assumir o comando impune de tantas comunidades (em torno de quarenta, segundo a imprensa)? O Secretário de Segurança do Rio, em entrevista, deu a entender que não agiu antes porque faltou apoio federal, embora não tenha explicitamente dito isto. Mas ficou claro quando disse mais ou menos o seguinte: “sem hipocrisia”, como é que a polícia do Rio poderia sozinha detonar uma operação desta? Outra pergunta: a reação da polícia foi decorrente dos ataques feitos (carros queimados) ou, pelo contrário, os ataques foram efetuados porque o plano já estava pronto para ser executado e vazou para os bandidos?

Os estrategistas militares, provavelmente, há muito tempo que tinham elaborado aquele plano com o apoio do exército, marinha e aeronáutica, mas nunca tiveram a anuência das autoridades federais, quer dizer, Lula e seus amigos do PT. Na hora em que resolveram autorizar, a notícia deve ter chegado ao conhecimento das quadrilhas que passaram a realizar aqueles ataques. Após oito anos do governo Lula, somente no apagar das luzes é que resolvem apoiar um plano que envolve forças federais de maior peso. E agora, passado o primeiro momento desta vitória fugaz, o presidente vai à favela do Alemão para colher os louros da glória, pois o que interessa para ele é, acima de tudo, popularidade, aplausos, índices de audiências. Tem sido sempre assim que ele “governou” o país. A propósito do tema anterior “Os filhos não abortados da montanha vermelha”, uma notícia veiculada pela “Folha de São Paulo” traz um pouco de tênue luz para explicar a omissão do governo federal no combate ao narcotráfico e ao crime organizado. E mais uma vez se comprova que a esquerda tem papel importante nestas quadrilhas. O compromisso das esquerdas (que dominam todos os órgãos federais) com terroristas internacionais e ao tráfico colombiano teria feito a Polícia Federal disfarçar a existência de tais elementos no Brasil. A revelação foi feita pelo WWW.Wikileaks.org, cujo site expõe a existência de milhares de telegramas da PF mostrando esta realidade. Os telegramas acessados pela “Folha” se referem apenas a elementos ligados ao terrorismo árabe e palestino. Não entrou em detalhes sobre a presença no Brasil dos elementos do crime organizado da Colômbia, como as FARC, costumeiramente sob velada proteção do governo brasileiro.

Para quem tem bom senso, basta ver como era a política exterior brasileira do tempo do PT, apoiando ditadores terríveis como o do Irã, de Cuba e da Venezuela. Uma política baseada numa única preocupação: ser contra os americanos, mesmo que isto signifique apoiar elementos ruins. Do Irã esta política ridícula passa para Cuba, Venezuela, Bolívia, Equador e todo e qualquer governo que queira se opor aos americanos por qualquer motivo. Se o governo não se peja de envolver-se com esta gente, não admira que também tenha sido complacente com o crime organizado.

Em plena abertura da Copa do mundo (2014), televisionada para todo o planeta, o Palácio do Planalto convidou Desiré Delano Bouterse para se sentar na mesma tribuna que Dilma.

O convidado de Dilma, chefe de estado do Suriname, é procurado internacionalmente por tráfico de drogas. *Em julho de 1999 foi condenado* em Haia a 16 anos de reclusão *por tráfico de cocaína*. O país europeu emitiu um mandado internacional para a sua prisão, o que torna praticamente impossível que ele saia do Suriname, se colocar os pés fora do país teoricamente será preso. Mas estava num estádio brasileiro assistindo a um jogo de futebol. É este tipo de gente companhia freqüente da presidente e do PT.

O site da Anistia Internacional publicou artigo alertando sobre a demora no julgamento de Bolterse. A entidade alerta ainda para a possibilidade de que o traficante seja anistiado em seu país. Bolterse foi Tenente Coronel, em 82 estava a frente do exército do Suriname, e é acusado também de tortura e assassinatos cometidos nessa época.

Um dos sintomas desta convivência do governo petista para com os “filhos da montanha vermelha” foi a prisão de um elemento das FARC (um tal de “Tatareto”) em Manaus, cuja extradição foi pedida pela Colômbia mas negada sem maiores explicações. O paradeiro deste elemento da guerrilha colombiana é desconhecido, a mídia não fala mais nele. Causa incômodo para um governo marcadamente esquerdista manter preso um elemento do braço armado das mesmas esquerdas, mas, mesmo assim, resolveram negar a extradição, talvez com a esperança de facilitar a fuga do mesmo. Até hoje não sabem o que fazer com Fernandinho “Beira-Mar”, cujos vínculos com as FARC são mais do que claros. Analisando este panorama, fica difícil acreditar que obtenha completo êxito qualquer programa de combate ao crime organizado.

Os massacres perpetrados por presos no Norte, e alguns motins em outras partes do Brasil mostra apenas um aspecto desta chaga violenta que as esquerdas implantaram no Brasil. Nisso

encontramos tudo junto: corrupção entre policiais, favorecimentos de presos sob alegação de “direitos humanos”, legislação beneplácita com o crime, enfim, todo um sistema jurídico e policial que impede qualquer ação organizada para combater o crime.

No entanto, seria irresponsabilidade dar ouvidos ao que disse o Marcola na entrevista que citamos acima, quando o mesmo supostamente afirmou que “não há solução”.

3. O Brasil está prestes a ser dominado pelo comunismo?

Há várias maneiras de tentar responder a esta pergunta: a primeira seria negativamente se tratar-se do comunismo estatal, da forma como predominou na URSS, Cuba, Coréia, China, etc., Quer dizer, nenhum país do mundo, hoje, corre o risco de cair no comunismo de Estado, numa república sindicalista ou coisa parecida, especialmente o nosso querido Brasil. Mas, poderíamos dizer que há risco, sim, de cair no chamado “comunismo difuso”, que não é um regime político propriamente dito, mas um estado de coisas que pode predominar em toda a sociedade.

Ao lado de uma vida prazenteira, materialista, cheia de gozos e satisfações pessoais, temos uma sociedade atribulada por violências incríveis, onde só se fala em desespero. Em plena crise econômica, com um altíssimo índice de desemprego, as festas carnavalescas enchem o país de um sossego aparente, dando por alguns dias a idéia de que vai tudo bem. No período chamado de alto verão, onde o carnaval desponta como o máximo do gozo dos prazeres, não se fala em crise nas famílias e nas viagens. Isso só existe na mídia e nos discursos políticos.

Sim, isso pode ser muito bem descrito como uma espécie de “comunismo difuso”, pois não há leis que suprimem o direito de propriedade nem de locomoção, mas há uma vida social totalmente materialista, atéia e aética, até mesmo imoral em alguns aspectos, que é secundada por assaltos, crimes hediondos, catástrofes de toda natureza. Nesse sentido pode-se dizer que o comunismo está dominando o Brasil.

Cresce assustadoramente a prática de crimes de estupro, inclusive muitos deles praticados contra crianças. E os cidadãos que vivem pensando só em gozo e delícias carnavais julgam que a solução seria matar ou castrar os autores de tais barbaridades. Não pensam eles que a solução seria pregar a moralidade, o cumprimento dos mandamentos da Lei de Deus, especialmente o sexto que manda respeitar a castidade. E se alguma lei tiver que ser feita seria proibir toda a divulgação de material pornográfico, que desfruta de uma liberdade assombrosa e pode-se dizer que é a principal alimentadora das taras sexuais que excitam tais crimes.

A vida de família tornou-se um manancial de pecados, onde se pratica o adultério como a coisa mais natural do mundo, fazendo com que se propague cada vez mais o amor livre e o concubinato. E

ao lado do adultério e concubinato, os crimes hediondos contra mulheres, crianças, filhos, etc. O desespero é tal que, na maioria dos casos, o sujeito mata a família e depois se suicida. E nas famílias mais tradicionais, onde há ainda um pouco de recato, a religiosidade é quase zero, dando ensejo a que as crianças e adolescentes sejam educados mais pela rua do que pela família. Em casa, aprendem a respeitar os pais; mas, quando chegam no colégio ou na rua aprendem que a liberdade deve ser total e nenhum idoso deve ser respeitado. Seria o “comunismo difuso” dentro da família.

E a corrupção? Como é que o sujeito pode condenar o político que recebe propina para enriquecer se dentro de casa os filhos aprendem com seus pais que isso é coisa normal? Se a esperteza é o critério principal para progredir na sociedade, onde tudo vale para alcançar vantagens, todo mundo vai querer um dia auferir tais vantagens mediante a esperteza, sendo a corrupção e a venda de favores uma das mais fáceis de se usar. Estamos vendo agora que o “comunismo difuso” já passa a ser um hábito social.

Vendo as coisas desta maneira, estamos perante um sistema de completo materialismo prático, do chamado “comunismo difuso”.

E isto não existe também nas leis? Sim, em muitas de nossas leis já predominam princípios marxistas. A lei do divórcio, a da reforma agrária, a do aborto, a do casamento homossexual, uma infinidade de leis econômicas que procuram a prática do igualitarismo nivelador, tudo isso vem da influência do marxismo. Nosso sistema jurídico está inchado de princípios marxistas. A dialética de Hegel (base do marxismo) predomina em todos os campos da sociedade, tanto o político, quanto o econômico, quanto o jurídico, especialmente nas leis trabalhistas, todas elas niveladoras sob o pretexto de promover uma “distribuição de rendas”, mas, no fundo, promovem mesmo a luta de classes.

Enfim, só falta ser criado o Estado socialista para controlar toda a sociedade. E este pode ressurgir das cinzas do banditismo, que hoje promove motins em cadeias e se matam por domínio e poder, mas que amanhã podem causar tal vazio político na sociedade que a única saída seria preenchê-lo com oportunistas da esquerda. De repente, alguém pode gritar que a solução para combater tal estado de violência, que foi fruto da própria esquerda, seria colocar a esquerda no poder através de um Estado controlador. Para acabar com o caos, a solução seria um Estado caótico, mas com mão de ferro e controlador.

Será que o Brasil chegará a esse ponto?

Confiemos em Deus que não. Confiemos na Virgem Santíssima, Nossa Senhora Aparecida, nossa padroeira e protetora, de que tal não ocorra. Se depender d'Ela e dos bons católicos isso nunca virá a ocorrer. Mas se depender do geral da população, que continua levando a vidinha de gozo e pecado como se não estivéssemos numa situação de crise e de emergência, tal comunismo virá, mas virá como castigo e não como solução para nossos problemas.

Bibliografia:

- “O Clero e a Independência” – Dom Duarte Leopoldo e Silva – Centro Dom Vital, Rio, 1823.
- “História do Brasil” – Luiz Koshiba e Denize Manzi Fryze Pereira – Atual Editora.
- “A Vida de José de Alencar” – Luís Viana Filho – Livraria José Olympio Editora, 1978.
- “Capitão Virgulino Ferreira Lampião” – Nertan Macedo – Editora Leitura S. A.